

**ANJOS EMBRIAGADOS UMA INTERPRETAÇÃO DO PAPEL DE  
ALGUMAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS EM MOÇAMBIQUE**

Flávia Cristina BANDECA BIAZETTO<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** Mia Couto, whose literary production is notable the Portuguese Literary System, distinguishes from the other writers because of his singular way of writing, in which he jokes with Portuguese lexicon and popular Mozambican proverbs. This research intends to analyse how he deals with irony and lyricism in the short story *The inebriated angels*, published in the book *Chronicling*. The proposal of this analysis is to discuss how this author deals with the mentioned elements and how he establishes a relation between them and a process, in which the readers become aware of the social situation of Mozambique.

A proposta deste trabalho é analisar uma crônica que faz parte do corpus da pesquisa intitulada, provisoriamente, *Ironia e Lirismo em Crônicas de Antonio Lobo Antunes e Mia Couto*, que propõe um estudo comparativo entre crônicas produzidas em países de Língua Portuguesa. Aqui, nos restringiremos a uma narrativa de Mia Couto. Esse é um escritor moçambicano reconhecido por seus romances, entretanto, sua produção literária se estende também à lírica, à crônica e à literatura infantil. Em todos os gêneros experimentados por Mia, há traços recorrentes, como a questão da identidade e ludicidade presente em sua escrita. Nesta breve exposição, destacaremos sua produção crônica, para isso optamos por uma crônica chamada *Os Anjos Embriagados*, que foi publicada no livro *Cronicando*.

O gênero, aqui estudado, é marcado por uma hibridez discursiva. Este aspecto sempre esteve presente na história das mudanças sofridas por este gênero, desde seu momento ligado à História até o período que estreitou seus laços com o jornalismo. Para Telê Ancona Lopez (1992: 166), diferentemente da função que a crônica tinha no passado de transmitir com fidelidade um tempo que estava sendo vivido e de zelar pela sua memória, ao cronista moderno passou a competir a função de comunicar ao seu público “os sentimentos experimentados no dia-a-dia, frente aos fatos que todos conhecem de algum modo, ou frente às ocorrências da vida pessoal de quem escreve.”. Assim, pode-se entender que a crônica deixou de valer-se apenas do substrato histórico para também demarcar a como a experiência do tempo marca a percepção do mundo pelo seu autor.

A crônica aqui escolhida é uma narrativa em terceira pessoa, em que é contada a história dos dois irmãos Joca e Aússe. O primeiro é um homem que quer parar de beber, enquanto o segundo é muito religioso e tenta ajudar o irmão a realizar seu desejo por meio de orações. Como não viam resultados só rezando em casa, decidiram que Joca

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)/Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. E-mail: [fla\\_bandeca@yahoo.com.br](mailto:fla_bandeca@yahoo.com.br)

deveria ir à igreja, mas o padre os expulsa, depois dos comentários deste personagem. Os dois irmãos terminam cantando juntos, esquecendo-se do episódio na igreja e uma atmosfera de alegria finaliza a crônica.

Esta crônica se centra nas personagens Joca e Aússe, dando-nos indícios que ajudam a constituir-las física e psicologicamente. O tempo não é especificado, somente sabemos que se trata de uma narrativa no passado. Também o espaço não é descrito minuciosamente, mas fica evidente que os personagens transitam entre a igreja, a cantina, a casa de Joca e a de seu irmão. Com isso, quero mostrar que, nas crônicas em formato de narrativas, podemos encontrar todos os elementos narrativos que a compõem, mesmo que muitas vezes somente sugeridos.

O narrador descreve Aússe da seguinte maneira:

(...) seu irmão mais velho, Aússe. Homem de um rosto só desses que têm a bondade por profissão. Fizera-se sacristão, caso raro para um negro nesses tempos. Aússe sempre no caminho das almas, deitava evangelhos sobre o irmão, ovelha branca da família. (Couto,1993:153).

Com esta descrição, o narrador nos fornece pistas que apontam para um tempo em que os negros tinham os seus direitos controlados pelos colonizadores. Sobre o personagem Aússe, podemos mencionar que este é descrito como a “ovelha branca da família”. Esta maneira de caracterizá-lo é uma inversão da expressão popular “ovelha negra”; ao utilizá-la, o narrador brinca com a questão do branco bom e do negro mau, inserida no imaginário popular. Vale ressaltar que estes jogos de linguagem são freqüentemente encontrados na obra de Mia Couto. Na verdade, a narrativa não sugere que Aússe fosse uma pessoa melhor que Joca, mas “ovelha branca” indica uma adoção de os valores dos brancos/colonizadores. Isso é feito por meio de um jogo irônico entre branco e negro.

Ao longo da crônica, Aússe tenta converter o irmão, mas Joca sempre lhe dá uma resposta irônica, com tom de zombaria:

– Há um anjo a guardar a alma de cada um de nós.  
Joca respondia que o anjo dele devia estar lá, na cervejaria.  
- O melhor é eu ir lá, ver se ele está bem. (Couto,1993:153).

Joca não resiste à mudança de hábitos, mas não os realiza plenamente, pois não consegue interiorizá-los, ou melhor, não os entendia:

– Mas, como é, você reza sentado?  
- Parece, mano. Parece. Mas se olhar bem, vêes que estou ajoelhado. Só que viro os joelhos para cima, repara-me lá”. (Couto,1993:154).

Este diálogo é um exemplo de que Joca tinha uma visão de mundo diferente da dos brancos. E seu irmão já interiorizara uma outra maneira de viver, diferente da sua família, que representa os moçambicanos.

“... Eu sou desses que, quando espreme a borbulha, rebenta a cara” (Couto, 1993:154). Estas são as palavras de Joca para se auto-descrever. O narrador não acrescenta nenhum dado pontual para que nós, leitores, possamos compor uma imagem do personagem.

Entretanto, percebemos, com o desenrolar dos fatos, que Joca tem um papel de questionamento em relação à situação em que está inserido. Por meio de suas declarações, com um tom de ironia, é desconstruída a atmosfera de ordem que Aússe representa e montada uma esfera de tensão entre o mundo interior de Joca e o exterior.

Em meio do acto religioso, ele se dirigiu ao padre, interrompendo os sagrados silêncios:

- Desculpa: aqui não se vende bebida?

Foi assunto para muitos ós. Os devotos, revoltos. Os crentes incrédulos. As beatas, com a alma em coma. O padre, em fúria, cálice tremendo nas mãos.

- Desculpe, senhor padre. Mas é que eu vi o senhor se abastecendo agorinha mesmo. (Couto, 1993:154-155).

Os comentários de Joca são a prova de que o ritual da eucaristia era vazio de sentido para ele. O personagem tinha outros valores que não podiam ser esquecidos, pois eram a sua própria essência.

O padre não perdoou. Foram expulsos da casa do Senhor. Pior: Aússe foi demitido de sacristão (...)

- Eu era o único negro, aqui. (Couto, 1993:155).

Ao expressar seu ressentimento por não continuar sendo o único sacristão negro, Aússe nos sugere que sua vontade estava ligada ao desejo de ter os mesmos direitos que os colonizadores. Depois desta cena de decepção, Joca consola seu irmão na cantina. Quando começa a escurecer, Joca pega duas velas de seu bolso, então se estabelece o seguinte diálogo entre eles:

- E onde encontrou velas, mano?

- Tirei na igreja. Não se preocupa, mano: fui rápido de mais, nem Deus notou...

(Couto, 1993:155).

O desfecho da crônica descreve uma imagem na qual os dois irmãos e os seus anjos seguiram a noite bebendo e se divertindo. O diálogo e a situação final sugerem uma saída para o conflito entre o indivíduo moçambicano e a sociedade: a aceitação de si próprio, não se espelhando ou adotando os valores ocidentais. Somente quando Joca e Aússe expressam suas vontades é que os anjos aparecem na narrativa. Os seres celestiais podem ser interpretados como uma metáfora da essência das personagens. Há uma fusão entre corpo e alma, no momento em que as personagens colocam de lado a tentativa de se cristianizar.

Essa cena é descrita de tal forma que nos sugere que os sentimentos das personagens; ou seja, suas subjetividades, são expressados de forma objetiva, criando uma imagem que nos condensa a dimensão lírica da narrativa.

A comicidade desta crônica tem uma função para além de provocar o riso nos seus leitores: ela representa uma forma de resistência de Joca diante dos valores europeus. O humor reside exatamente na dissonância entre o comportamento do personagem e o que se espera dele. O choque entre a atitude de Joca e as expectativas que nós, leitores, temos, é o que provoca o riso que, aqui, pede uma reflexão posterior.

O humor criado por Mía Couto, aqui, tem uma função bem demarcada: mostrar a convivência entre culturas distintas em um mesmo espaço. Isso é representado de um lado pelos personagens Joca e Aússe, que simbolizam a cultura africana, de outro por um dos símbolos da cultura ibérica, o cristianismo. Ambos convivem em um mesmo espaço: Moçambique. Mía retrata, aqui, a situação de seu país por meio de uma narrativa que expõe as ambigüidades culturais acentuadas no período colonialista.

O lirismo da crônica reside na tensão entre os sentimentos de Joca e a realidade que tentam impor-lhe. Aproprio-me aqui do conceito de Lafetá (2000:128) sobre o lirismo: “os conteúdos da interioridade são percebidos [pela personagem] como mais ricos, mais perfeitos e mais acabados que a realidade degradada”. Sob este aspecto, Joca representa uma interioridade completa que não necessita de se apropriar de elementos externos à sua subjetividade.

Esta narrativa refere-se a duas instituições presentes em Moçambique: a Igreja e a Família. Essa em África tradicional teria um papel socializador, no qual cabe a ela criar uma referência identitária. A Igreja é um símbolo do colonialismo, pois foi imposta, em Moçambique, nesse período. Anteriormente, os moçambicanos tinham como princípios religiosos o culto dos ancestrais e o as questões sobre força vital. Mía nos descreve um quadro em que os moçambicanos vão à igreja e praticam rituais cristãos, como a comunhão.

Os personagens de “Os anjos embriagados” iniciam a narrativa supervalorizando a Igreja e separados, pois enquanto Joca está na cantina e pensa em como parar de beber, Aússe prega os evangelhos. Depois de serem expulsos “da casa do Senhor”, os irmãos se unem, simbolizando assim a tradição da família africana.

Percebemos, nesta crônica, uma tensão entre o mundo subjetivo das personagens e o mundo exterior. Entretanto, este embate não embeleza ou ensombrece a realidade, simplesmente a retrata. O tom lírico se acentua no momento em que há a aceitação dos valores locais. É interessante perceber que a linguagem trabalhada nesta crônica provoca um ritmo rápido à narrativa. Isso é resultado dos períodos breves que compõem a história, acentuando a forma lírica do texto.

Além disso, notamos o uso da ironia como forma de desmascarar a realidade social de Moçambique. Beth Brait (1996) explica a ironia como um processo o qual desmascara ou subverte valores. Contudo, para que isso ocorra, é necessária uma cumplicidade entre enunciador e receptor, pois ambos têm que compartilhar a ambigüidade de sentindo inserida na mensagem.

Na crônica de Mia Couto, temos um personagem, Joca, que é o ironista. Ele questiona de forma irônica os valores ocidentais que tentam ensinar-lhe. Ao dialogar com os outros personagens, notamos uma tentativa de desmascarar para eles o processo de aculturação, imposto pelo colonizador, em que Moçambique se inseria. Além disso, a atmosfera de humor que ele cria é usada também para sugerir ao seu irmão uma resistência contra o regime colonial. Ao satirizar a situação descrita, Joca usa o riso como um instrumento contra o colonialismo e que o ajuda a amenizar o seu sofrimento diante da realidade descrita.

À luz desta breve exposição, notamos a presença de um conflito, expresso por meio da ironia, e o cronista sugere uma saída para tal situação, expressando assim um subjetivismo que nos remete à dimensão lírica do texto. Também podemos perceber a simplicidade e naturalidade da linguagem da crônica, o que lhe permite discutir assuntos sérios como se cronista e leitor estivessem em um botequim conversando descompromissadamente.

---

#### **Referências Bibliográficas:**

- BRAIT, B. (1996) *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Ed.da Unicamp.  
COUTO, M. (1991) *Cronicando*. Lisboa: Caminho.  
LAFETÀ, J. L. (2000) “Rubem Fonseca, do lirismo à violência”. *Literatura e Sociedade*. n ° 5. São Paulo.  
LOPEZ, T. A. (1992). “A Crônica de Mário de Andrade: Impressões que Historiam”. In: CÂNDIDO, A. (org.) *A Crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil*, 165-188. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.